O TRADUZÍVEL E O INTRADUZÍVEL: O CASO DOS SUFIXOS AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS

Mário Augusto da Silva Santos*

Resumo

Verificação de uma gama de significados diversos contidos em sufixos aumentativos e diminutivos mediante estudo comparativo de algumas línguas européias.

Em certos casos a tarefa do tradutor torna-se um desafio de transpor para a língua de chegada todo o colorido, a intensidade de sentimentos e os valores expressos por meio dessas partículas.

Palavras-chave: *lingüística comparada – tradução – sufixos aumentativos e diminutivos*

Abstract

Comparative examination of the augmentative and diminutive suffixes, concerning their different particular meanings in some European languages.

In many cases it's a hard task for the translator to get the feeling of the exact meaning of such suffixes, as well as their intensity and partcular aspects.

Keywords: *contrative linguistics - translation - augmentative and diminutive suffixes.*

Em princípio, a tradução é impossível para uns, mas realizável para outros (SCHNAIDERMAN, 1996:23). Para aqueles que a tratam no seu sentido literal de *traducere* (levar para além), isto é, fazer o transporte do sentido de algo expresso em uma língua para outra; para aqueles que se afanam na tarefa ingente de praticá-la e não apenas de falar sobre ela, a tradução concebe-se como uma comparação de línguas, de literaturas, de culturas. Sempre é possível tentar estabelecer correspondências de língua para língua entre palavras, frases, contextos, sentidos.

Daí nos aparecerem os sufixos aumentativos e diminutivos em si mesmos ou nas unidades lingüísticas por eles modificadas como um desafio a esse esforço de compreensão do que se diz numa língua de partida e, mais ainda, de traçar-lhes correspondências numa língua de chegada.

Como um exemplo concreto da questão da traduzibilidade, trataremos aqui dos sufixos diminutivos e aumentativos nos idiomas português, italiano, espanhol e dos diminutivos no alemão. Com menor freqüência, faremos apelo ao francês e ao inglês[1]. Mediante a transcrição de algumas traduções, buscaremos apontar as correspondências possíveis entre os usos de aumentativos e diminutivos nessas línguas e, em alguns casos, as dificuldades que aí se apresentam.

As línguas clássicas dispunham de sufixos diminutivos, que se pospunham aos substantivos.

Para a formação do diminutivo de substantivos usavam-se no grego clássico os sufixos:

ιον – ιδιον – αριον – ισκοσ – υδριον – υλλιον
ολκασ – ολκαδιον (barco – barquinho)
νησοσ – νησιδιον (ilha – ilhota)
ζωον – ζωαριον (animal – animalzinho)
αστερ – αστερισκοσ (estrela – estrelinha)
μελοσ – μελυδριον (canção – cançoneta)
ειδοσ – ειδυλλιον (imagem – figurinha, quadrinho)

Que o grego tinha um gosto especial pelos diminutivos nos sugerem as formas alternativo as para a mesma palavra, tais como nos seguintes exemplos. Para γυνη, havia γυναιον, γυναικαριον e γυναικιον (mulher pequena, mulherzinha).

Para παις, usava-se παιδιον (criancinha) e παιδισκοσ (menininho). No feminino, παιδιτκη significa-

* Prof. Adjunto Dep. Letras Germânicas UFBA. Co-líder do Grupo de Pesquisa Lingüística Aplicada à Tradução e ao Ensino de Línguas Estrangeiras

[1] O português, o italiano e o espanhol forma escolhidos porque, neles próprios, o sufixos aumentativos e diminutivos desempenham um papel muito importante. O alemão se situa num lugar especial: sem dispor de sufixos aumentativos possui diminutivos que têm importância lingüística apreciável. Já no francês e no inglês, os sufixos não têm lugar comparável ao que ocupam nas línguas anteriores.

va a menina de condição livre, mas ao mesmo tempo, a pequena escrava e a prostituta jovem. Ainda se contava com a forma παιδισκαριον que era o diminutivo do diminutivo παιδισκη, ganhando o significado de donzela.

Por tais exemplos, já se vê que o idioma helênico oferecia sutilezas no campo semântico, criadas a partir do uso de sufixos diminutivos, que já não eram redutores de grandeza física, mas peças de um jogo de mudanças de sentido.

Outros exemplos significativos são os oferecidos pela palavra βιβλοσ (livro) e ειδοσ (imagem). O diminutivo βιβλιον, na sua forma de nominativo plural βιβλια passou a significar já não livrinhos, mas uma coleção de livros e, depois, a denominação específica de uma coletânea que hoje chamamos de Bíblia – livro sagrado para os cristãos.

O diminutivo ειδυλιον estendeu seu significado para o de pequena peça poética, que conservou até hoje em línguas modernas – idílio.

O grego moderno parece prescindir dessa grande variedade de sufixação diminutiva. Com mais freqüência, usa-se a terminação -ακι, acrescentada ao radical dos substantivos.

ο δρομοσ – το δρομακι *(rua – ruela)*
η καμαρα – το καμαρακι *(quarto – quartinho)*
το σπιτι – το σπιτακι *(casa – casinha)*

Só de passagem, observemos que os substantivos acima são de gêneros diferentes, um masculino, um feminino e um outro neutro, respectivamente. No diminutivo, tornam-se todos neutros assim como no alemão e no próprio grego clássico, excetuando-se ali os que se formam com o sufixo -ισκος (masculino) e com a sua versão feminina -ισκη.

Mas, ainda de referência ao grego moderno e sem pretender avançar no estudo da sua sufixação diminutiva, vale ressaltar que, também nesse idioma, a conotação afetiva pode ser ressaltada em certos contextos por meio de diminutivo, perdendo este a mera função de reduzir uma grandeza física, como na expressão Σπιτι μου, σπιτακι μου, σπιτοκαλυβακι μου! (STANITSAS, 1993;36) (Minha casa, minha casinha, minha choupaninha!). Aí a redução material é proporcional ao aumento do valor afetivo.

De volta ao mundo clássico, façamos agora algumas referências ao latim. Neste havia à disposição, entre outros, os sufixos diminutivos:

ulus – culus – ellus – illus - unculus

Esses eram os usados mais freqüentemente e também os mais produtivos.

liber – libellus; ager – agellus; filius – filiolus; filia – filiola; mater – matercula; versus – versiculus; miser – misellus; homo – homunculus; parvus – parvulus; navis – navicula; flama – flamula; puer – puerulus; flos – flosculus.

Todos os sufixos diminutivos tinham versões para os três gêneros (-us, -a, -um) e o substantivo conservava no derivado o gênero da palavra de onde provinha, ao contrário do grego clássico, do grego moderno e do alemão.

No latim, havia exceções, é claro, à tendência de conservação de gênero. Era assim que o feminino taberna (cabana, choupana, qualquer casa feita de tábuas, loja armazém ou taberna), ao ganhar a forma diminutiva tornava-se o neutro tabernaculum (tenda, barraca, tenda do arúspices). Aqui se dava uma modificação de sentido em torno do mesmo núcleo semântico original. O diminutivo de puer se faz com o sufixo –ulus: puerulus. Mas o substantivo para indicar a criança do sexo feminino era puella, formado a partir do acréscimo do diminutivo ella ao masculino puer.

Outro exemplo interessante de modificação de sentido é oferecido pela palavra testis, que significava testemunho. Mas a mesma palavra, usada preferencialmente no plural, -testes- denominava também os testículos. Por outro lado o diminutivo testiculi passou a indicar apenas as glândulas masculinas, e foi essa forma que deu origem, por exemplo, ao português testículos e ao francês testicules, com o mesmo significado.

Palavras que continham no seu diminutivo a idéia de redução podiam também, obviamente, assumir uma feição afetiva. Neste caso podemos incluir libellus (livrinho), agellus (campinho), versiculus (versinho), homunculus (homem pequeno), navicula (navezinha), flamula (chamazinha), flosculus (florzinha).

Contudo filiolus (filhinho), filiola (filhinha), matercula (mãezinha), misellus (pobrezinho) e parvulus, dificilmente estariam, em qualquer contexto, desprovidos de um sentido emocional — ternura, amesquinhamento moral, etc. Vejam-se as palavras dos Evangelhos atribuídas a Cristo: “Sinite parvulus venire ad me” (“Deixai vir a mim as criancinhas”)

É interessante observar que, no latim vulgar, já se revela uma certa tendência de se abandonar a forma básica em favor do seu diminutivo. Este fenômeno está na origem de muitas palavras nas línguas românicas, como nos poucos exemplos que se seguem.

Apis; diminutivo apicula > português abelha, espanhol abeja, francês abeille.

Auris; d. oricla > p. orelha, e. oreja, f. oreille, italiano orecchio.

Genu; d. genuculum > p. joelho, i. ginocchio.

O gosto pelo uso polissêmico do diminutivo que se observa no português, no italiano e no espanhol se enraíza, certamente, no registro popular do latim. Mas também no latim literário de poetas clássicos, como Catulo. Esse grande lírico do século I a.C., em um de seus mais conhecidos poemas do chamado Ciclo de Lésbia, recorre aos diminutivos para obter efeito estilístico sonoro, além de expressar a delicadeza e a ternura contidas em certos temas, como o da menina que chora a morte de seu pardal:

“Tam bellum mihi passerem abstulistis,
O factum male! O miselle passer!
Tua nunc opera meae puellae
Flendo turgiduli rubent occeli”
(CATULO, 1991:36)

No último verso, não apenas o substantivo occeli (de occuli), mas também o adjetivo turgidoli (de turgidi) são usados no diminutivo.

Vale ressaltar que, na tradução da nota 2, seu autor preservou no português as formas olhinhos, inchadinhos, mantendo assim a ternura doída contida no original. Já na tradução espanhola de Juan Manuel Rodrigues Tobal, perdeu-se um pouco a noção daquele sentimento no uso do grau normal rojos e hinchados (3).

O grego e o latim não possuíam sufixos aumentativos. Contudo, no latim, já se empregavam certas terminações que, no latim vulgar, ganhariam valor pejorativo e aumentativo. Era o que acontecia com *–aceus (_aceus, -a, -um)* e *–o, onis*.

Aceus significava "parecido com", como *arenaceus* (arenoso), *testaceus* (da cor do ladrilho), *rosaceum* (aceite rosado). A forma teria uso mais intenso no latim vulgar e, no romance, formava substantivos e adjetivos com valor pejorativo: mantém-se no italiano *omaccio*, no espanhol *hombrazo*. Está na origem do aumentativo *–accio, -aço* e *–azo* do italiano, português e espanhol respectivamente.

-*O –onis* era a terminação latina usada para formar nomes que se emparelhavam com adjetivos em *–us, -a, -um*, como *manducus/manduco, onis*. Também passou a ser usado para formar sobrenomes: de *nasus, Naso, onis* (de nariz grande). Podiam ainda se derivar de verbos: de *bibere, bibo* (beberrão); de *gluttire, glutto* (glutão) (VÄANANEN, 1968). O valor aumentativo persistiu e passou para as línguas românicas nos sufixos *one, ão e ón* em italiano, português e espanhóis respectivamente.

Assim, estas três línguas receberam do latim sufixos aumentativos e diminutivos que agiram e agem de forma extremamente enriquecedora nos campos lexical, semântico e numa capacidade lingüística de grande expressividade.

O português faz uso generoso dos sufixos diminutivos e aumentativos, que se pospõem a substantivos, adjetivos e até mesmo advérbios que constituem uma categoria invariável por definição. O processo foi e é até hoje tão largo e tão produtivo que as palavras no grau aumentativo ganham novo sentido, às vezes bem distanciado do original. Trata-se de uma língua românica que continua a manter e a fortificar a tendência de sua matriz.

(2)"Tão belo pardal me arrebatastes!
Oh! Desgraça! Coitadinho do pardal!
Agora, por tua causa, estão vermelhos de chorar
Os olhinhos inchadinhos de minha menina"
(CATULO, 1991:37)

(3) "Tan bello pajarillo me robasteis.
Mi pobre pajarillo! Que desdicha!
Por ti ahora los ojos de mi niña
Están rojos e inchados de llorar.(CATULO, 1998)

No português falado no Brasil, novos usos sociais têm levado à criação constante de novas palavras, que se incorporam ao léxico geral da língua praticada no país. Alguns de tais vocábulos surgem como termos de gíria de certas faixas da população, ganhando, às vezes, emprego generalizado.

O processo de formação se dá mediante o acréscimo dos sufixos diminutivos –inho/ –inha ou –zinho/ –zinha. Para o aumentativo acrescentam-se –ão/ –ona ou –zão/ –zona.

Tomemos alguns exemplos de diminutivos que se afastam do sentido original da palavra de onde provêm.

Casinha é o diminutivo de casa, mas passou a denominar um aposento fechado com tábuas no qual se encontra um vaso sanitário ou algo equivalente para as dejeções e instalado na área externa dos fundos de uma casa qualquer. Até hoje o termo é utilizado em áreas do interior do Estado da Bahia. Quartinho é o diminutivo de quarto, mas durante muito tempo em Salvador, capital do Estado da Bahia, era entendido, e é ainda hoje por uma faixa mais idosa, não como um aposento de dormir, mas como o W.C.

De camisa temos o diminutivo camisinha, que hoje não significa camisa pequena, mas sim, o preservativo usado pelos homens nas relações sexuais para prevenção da gravidez da parceira ou de doenças sexualmente transmissíveis, o termo, que se usava antes dos anos 80 do século passado, era camisa de Vênus, mas ganhou grande divulgação a partir desses anos diante do perigo da AIDS. Passou-se a preferir uma denominação mais discreta talvez.

O mesmo ocorre com palavras de origem aumentativa. Neste grupo criam-se principalmente adjetivos, via de regra com sentido pejorativo, mormente os considerados integrantes da linguagem vulgar.

Como exemplos de adjetivos portadores de um significado "neutro" e derivados de verbos temos:

Pintão/ona, derivado do verbo pintar (fazer travessuras). Pintão/ona é assim a criança muito travessa. Tanto o verbo quanto o adjetivo têm uso arraigado em áreas do Nordeste do Brasil.

Enrolão/ona provém do verbo enrolar (enganar, tapear, iludir).

Pidão/ona origina-se do verbo pedir e se usa para alguém que pede tudo o que vê, sem cerimônia. Na linguagem coloquial da faixa mais jovem, usa-se o adjetivo queixão/ona, derivado do verbo também popular queixar. O significado do verbo já contém a idéia de pedir tudo sem escrúpulos e se afasta completamente do verbo queixar-se (apresentar queixas, lamentar-se).

O substantivo orelhão, de uso difundido em todo o Brasil, não significa uma orelha grande (neste caso, orelhona), mas o telefone público afixado nas ruas.

O substantivo mãezona, que também pode funcionar como adjetivo, não significa mãe de grande estatura, mas mãe demasiadamente protetora ou mulher que tenha tal comportamento. Às vezes é pejorativo, às vezes não. O masculino paizão contém sentido afetivo carinhoso, sem referência à estatura do pai.

Podem ser mencionados quatro exemplos de linguagem vulgar, de conteúdo pejorativo: os adjetivos cagão e bundão e o substantivo sapatão.

Cagão provém do verbo cagar (do latim cacare) e, além da referência ao ato de defecar, passa a ser aplicado também, com forte conteúdo pejorativo, a pessoas desprovidas de competência ou discernimento para certas realizações. Pode também ser usado para qualificar quem, com freqüência, obtém bons resultados por mero acaso. Diz-se: acertou a resposta "de cagada". Cagão é quem dá essas "cagadas", isto é, tem sempre muito êxito em tudo o que faz, sem se esforçar muito ou nada para merecê-lo.

Do substantivo bunda originou-se o adjetivo bundão. É forma de uso recente e praticada entre a população jovem urbana do Brasil, podendo-se ouvir até em programas de televisão. O termo tem largo espectro semântico: ingênuo, tímido, inepto, medroso, etc.

De sapato vem o aumentativo sapatão/sapatona. É substantivo derivado de outro, usado com mais freqüência na forma masculina e designa a mulher lésbica.

Ainda no registro coloquial mais popular do Brasil é possível encontrar exemplos de formas aumentativas provindas de advérbios: em cimão e embaixão.

Em cima e embaixo são advérbios que indicam uma posição de lugar superior e inferior ao falante, respectivamente. Aparece com freqüência na linguagem infantil. Em cimão e embaixão significam um extremo distanciamento de uma parte em relação ao falante, para cima ou para baixo.

Pelos poucos exemplos acima arrolados percebe-se quão dificultosa é a tarefa de quem se disponha a transportar para outra língua tais diminutivos e aumentativos de uso tão freqüente no português do Brasil com todo o colorido e expressividade neles contidos.

O italiano parece ser o campeão dos sufixos aumentativos e diminutivos. Mas o português e o espanhol não lhe ficam atrás. Ao aumentativo *–one* e *–ona* do italiano correspondem de modo geral *–ão* e *ona* do português e *–ón* e *–ona* do espanhol. Podemos prosseguir com os demais. Para os italianos *–accio, –azzo,* os portugueses *–acho* e *–aço* e os espanhóis *–acho* e *–azo*. Aqui e ali se prefere no italiano o que, no português, por exemplo, pode-se fazer corresponder melhor com outros: um *–accio* com um *–ão,* quase sempre, com o mesmo sentido aumentativo de tamanho físico, acentuação ou rebaixamento de qualidade. Às vezes, o contrário: a supervalorização e a ternura. Podemos juntar alguns exemplos ilustrativos:

"un bel ragazzone di ventidue anni" (Ga.243)
"um belo rapagão de vinte e dois anos"

"era un mangione e beone" (St. 325)
"era comilão e beberrão"

"Mussolini, con quella facciona larga, quegli occhiacci, quei labbroni" (cio 320)
"Mussolini, com aquela carona grande, aqueles olhões, aqueles beições"

"... si dice: fare i bisogni! Cacare è una parolaccia!" (St 499)
"... deve-se dizer: fazer uma necessidade! Cagar é palavrão!"

"una bella biondona" (Ga 17)
"uma bela lourona"

Observe-se que *um mulherão* ressalta qualidades físicas de uma mulher consideradas positivas pelo falante: estatura, porte, formas, etc. A expressão é elogiosa. Já *uma mulherona* é uma forma um tanto pejorativa de enfatizar que um indivíduo do sexo feminino, adulto ou quase, comporta-se como criança: *uma mulherona dessas e ainda faz tanta bobagem.*

Via de regra, a terminação *ona,* posposta a um substantivo, dá-lhe cunho pejorativo, enquanto que a um adjetivo apenas intensifica-lhe a qualidade. O mesmo se dá com o masculino: *gostosona, gostosão; bonitona, bonitão.*

A frase *É um mulherão* (TSF 193) foi traduzida no italiano como *Che pezzo di donna!,* literalmente, *que pedaço de mulher!.* Com efeito, não se poderia transportar esse adjetivo na língua portuguesa para os italianos *donnona* ou *donnacia* porque têm ambos significado pejorativo, sendo o segundo um insulto: prostituta. No caso, portanto, optou o tradutor por uma expressão muito viva no italiano, que, aliás, tem correspondente de sentido idêntico no português.

A tradução espanhola da mesma expressão *É um mulherão* deixa a desejar: *Qué mujer*. Talvez *Qué guapetona*! se aproximasse mais do original.

Na tradução alemã *Eine herrliche Frau!* – também se nota carência de força no elogio, que é admirativo das formas da mulher. Transformou-se apenas em: *Uma mulher esplêndida.* Ora, uma mulher esplêndida é um elogio à figura de mulher, de beleza brilhante, mas é pouco para revelar o misto de admiração e interesse sexual contido no português *mulherão.* As traduções inglesa e francesa também se distanciam desse conteúdo: *She's some woman!* e *Une femme épatante.*

Em línguas românicas como português, italiano e espanhol o aumentativo ainda pode ser intensificado por adjetivos cujas qualidades já estariam contidas no substantivo no aumentativo:

Era un omaccione grande e grosso (Cio 20)
Era un hombretón grande y fornido
Era um homenzarrão grande e gordo[2]

A tradução alemã é *Es war ein Mordskerl, gross und dick.* Na palavra Mordskerl o seu primeiro elemento – *Mord* confere ao segundo – *kerl* (tipo, companheiro, jovem, rapaz) o significado de amplitude, de grandes proporções. Assim, *Mordskerl* corresponde a *omaccione/* homenzarrão. Mas também indica: um grande companheiro, camaradão, amigão. Ainda foi possível acrescentar como predicativo os adjetivos *gross* (grande) e *dick* (gordo) para mencionar as características físicas. A tradução inglesa – *a great big tall man* preservou os atributos físicos em *big tall* e os morais e afetivos em *great*. *Great man* poderia aproximar-se de *Mordskerl*, sem a força afetiva do termo alemão. No francês, reduziu-se tudo a uma descrição física: *un grand et gros homme.*

No alemão não há sufixos aumentativos mas há um processo de ampliar ou intensificar ao extremo uma qualidade, mediante a composição. É um recurso muito próprio dessa língua, possuidora de grande plasticidade morfológica e lexical. A um adjetivo se antepõe um substantivo que confere à qualidade expressa no adjetivo uma comparação superlativa. Esses adjetivos alemães assim compostos são geralmente traduzíveis no português, no italiano e no espanhol por adjetivos intensificados pelo sufixo *–íssimo,a* (português e italiano) *e –ísimo,a* (espanhol), provindos diretamente do latim *–issimus,a,um*. Eis aqui alguns exemplos:

Schneeweiss (branco como a neve) – branquíssimo
Abgrundhässlich (feio como o abismo) – feíssimo
Steinalt (velho como pedra) – velhíssimo
Kerzengerade (reto como uma vela) – aprumadíssimo
Spindeldürr (seco como um fuso) – magríssimo
Splitterfasernackt (nu até o fio de um fragmento) – completamente nu
Blitzschnell (rápido como um raio) – rapidíssimo

Ao contrário dos aumentativos, os diminutivos estão mais disseminados entre as cinco línguas aqui tratadas. Contudo, o inglês e o francês também não fazem uso freqüente desses sufixos apesar de possui-los.

Como já se disse, os sufixos diminutivos, já existentes no latim clássico se mantiveram. Nas línguas românicas, que os herdaram, enriqueceram-se em formas variadas. Seu espectro de utilização é, porém, diferenciado, o que, freqüentemente, se revela no trabalho de tradução.

Mais uma vez, porém, é possível encontrar correspondência regular entre os sufixos portugueses, italianos e espanhóis.

Portugueses: *ucho, ote, ito, ete, ino/inho, ico*
Espanhóis: *ucho, ito, ete, uelo, ico, illo*
Italianos: *occio, uccio / uzzo, etto / otto, ino, uolo, ello*

Nas três línguas são possíveis sobreposições : um diminutivo a um aumentativo; um diminutivo a outro diminutivo.

Um espanhol, por exemplo, *chico* pode ser reduzido a *chiquito, chiquitito, chiquirritito, chiquitillo, chiquititillo.* Em português, temos *pequeno, pequenino, pequenininho, pequetitico, pequetitiquinho,* que é o menor dos menores. Em italiano: *grasso, grassotto, grassotello.*

Em português o diminutivo se junta a um aumentativo para reduzir-lhe o efeito pejorativo e dar-lhe uma feição carinhosa: *comilãozinho, porcalhãozinho.* O mesmo, no italiano: *pigroncello* (grande preguiçosinho). O italiano é capaz de pospor o diminutivo – *uccio* ao advérbio *lontano* (longe): *È lontanuccio* (DC 171). Entretanto não se reduz a distância. Não é "pouco longe" mas, ao contrário, é "muito longe": *uma boa distância* ou *uma bela distância* ou *bem longe.* Em alemão, pode-se fazer corresponder a *schönes Stück* (belo ou bom pedaço). Assim o original italiano *È lontanuccio* ganhou em alemão a seguinte tradução: *Es ist ein schönes Stück von hier entfernt* (DC 171).

Em português e espanhol, os diminutivos *inho* e *ito,* respectivamente, podem acentuar a proximidade: *perto – pertinho; cerca – cerquita.* Os mesmos sufixos ainda são aplicáveis no sentido temporal: *en seguida – en seguidita; ahora – ahorita; agora – agorinha.* Observem-se as traduções de uma frase escolhida em *Terras do Sem Fim* de Jorge Amado: acabei de saber agorinha mesmo; ... ahorita mismo
Ich habe es gerade erst erfahren
...This very minute
... à l'instant; ..... or ora (TSF 174)
em português, *inho* ainda confere o sentido de completude: *certo – certinho; cheio – cheinho; pronto – prontinho.*

No alemão, os sufixos diminutivos aparecem em duas variantes regionais. No norte, a forma *–chen*; no sul, *-lein.* Ambas as foram incorporadas pelo *Hochdeutsch*, a língua padrão oficial, sendo mais usada a primeira. Ambas as for-

[2] Todos os exemplos de traduções literárias foram colhidos na obra de Mario Wandruszka. *Wer fremde Sprachen nicht kennt...,* cuja tradução para o português estamos realizando. (WANDRUSZKA, 1991)
Abreviaturas de títulos de obras traduzidas mencionadas:
B Thomas Mann. *Buddenbrooks,* Frankfurt 1960
Bi Heinrich Böll, *Billard um halb zehn,* Köln 1959
Cio Alberto Moravia, *La ciociara,* Milano 1964
DC. Giovani Guareschi, *Mondo piccolo*, "Don Camillo", Milano 1948
Ga. Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *Il Gattopardo,* Milano 1958
St Elsa Morante, *La storia,* Torino 1974
TSF. Jorge Amado, *Terras do Sem Fim,* São Paulo 1959

mas, porém, são utilizáveis conforme as necessidades da língua para realizações fonéticas mais fluentes: Bauch – Bäuchlein; Stuhl – Stühlchen [3]

Os sufixos diminutivos parecem ter um emprego geral bem menos freqüente no alemão do que nas três línguas românicas mencionadas. Contudo, ocupam um lugar importante, não só na redução, por assim dizer, objetiva, mas também em expressões reveladoras de um conteúdo sentimental. Em Heinrich Böll, *Billard um halb zehn* lê-se:

> *"... da konnte man ein Tänzchen wagen (Bi 17)"*
> (ali se podia arriscar uma *dancinha*)

e ainda:

> "*...es ist Feierabend, er raucht sein wohlverdientes Pfeifchen*" (Bi 166) (terminado o trabalho, ele fuma seu bem merecido *cachimbinho*)

Outro bom exemplo do emprego do diminutivo é o oferecido por Thomas Mann em *Buddenbrooks* ao reproduzir a fala de Alois Permaneder, natural de Munique, que, na cidade nortista de Lübeck, dirige-se ao sogro no seu dialeto bávaro:

A G'schäfterl, a kloans G'schäfterl... (B 287) (Um negociozinho, um pequeno negociozinho...)

Na linguagem corrente, esses sufixos desempenham um papel de expressão carinhosa e familiaridade. Seu uso chega às vezes a ultrapassar o convencional, que é o de posposição a substantivos, estendendo-se a pronomes interrogativos, a advérbios e a partículas enfáticas que, em si mesmas, já são de difícil tradução.

Mário Wandruszka nos informa do bom humor com que os suábios glosam seu próprio dialeto, reproduzindo um diálogo imaginário entre um hoteleiro e sua garçonete Friederike, personagens que trabalham num clima cordial e de familiaridade:

> *"-Rikele!*
> *-Wasele?*
> *-No a viertele!*
> *-Sodele" (WANDRUSZKA:145)*

Dificilmente se poderia transpor para qualquer uma das línguas aqui citadas todo o colorido de familiaridade e afetividade contidos no diálogo original em suábio, mesmo no *Hochdeutsch*, que seria:

> *"Rikele!*
> *Was? / Wie?, bitte.*
> *Nicht ein Viertel, bitte.*
> *So!"*

No português, haveria como possibilidade de tradução: ou transpor o diálogo como se estivesse no alemão padrão pura e simplesmente, deixando de lado o envolvimento afetivo e familiar dos falantes; ou acrescentar ao diálogo explicações sobre tal comportamento. Nesse caso poderíamos imaginar algo como:

> -*Rikele*
> -*Diga!* – falou ela cordialmente.
> -Não vá demorar muito com esse prato – disse ele com brandura.
> -*Prontinho* – falou ela com a mesma expressão entre solícita e bem humorada.

Se, como já foi dito, toda tradução "*... é necessariamente infiel e radicalmente impotente para dar ao texto original todo o seu sabor.*" (JEUNE, 1944: 219), na área riquíssima e complexa dos sufixos aumentativos e diminutivos, a tarefa do tradutor se confirma como estudo lingüístico comparativo, onde se impõem como imprescindíveis os recursos à imaginação e à criatividade – à constante criação e recriação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATULO. (1991). *O cancioneiro de Lésbia;* tradução de Paulo Sérgio de Vasconcelos, S. Paulo: HUCITEC.

CATULO. (1998). *Poesia Completa;* versión castellana y notas de Juan Manuel Rodrigues Tobal. Madrid, ediciones Hiperión.

JEUNE, Simon. (1994). Literatura geral e literatura comparada. IN: Eduardo F. Coutinho e Tânia F. Carvalhal. (org.) *Literatura comparada: textos fundadores,* Rio: Rocco.

SCHNAIDERMAN, Boris. (1996) .Os limites da traduzibilidade. IN: Luiz Angélico da Costa (org.) *Limites da traduzibilidade.* Salvador: EDUFBA.

STANITSAS, S. & NUÑEZ, G. (1993). *Griego moderno.* Madrid: Ediciones Clásicas.

VÄÄNÄNEN, Veikko. (1968). *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Editorial Gredos, S.ª.

WANDRUSZKA, Mario. (1991). *Wer fremde Sprachen nicht kennt...; das Bild des Menschen in Europas Sprachen.* Piper: München,.

[3] Cada uma dessas duas formas tem suas variações dialetais:
– CHEN: –kin, –ken, –ke, –ske, –sche, –tje
LEIN: –li, –le, –il, –l, –ei, –erl